

RUPTURA E RENOVAÇÃO EM *A BOLSA AMARELA*, DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Marco Aurélio Navarro*

RESUMO

Apresentação da escritora Lygia Bojunga Nunes, importante escritora do gênero da Literatura infanto-juvenil, premiada no Brasil e em vários países. Pretende-se realizar uma análise literária da obra **A bolsa amarela**, numa abordagem fundamentada na Nova Crítica. Assim, com esse trabalho, procura-se demonstrar a ruptura com a tradição pedagógica que, muitas vezes, tem marcado esse gênero, cujas raízes remontam à primeira metade do século XVIII.

Palavra-chave: Literatura infanto-juvenil. Lygia Bojunga.

ABSTRACT

This is a presentation on Lygia Bojunga Nunes, an important writer in the Infant-Juvenile Literature, awarded in Brazil and in many other countries. What is intended is an analysis of her work **A bolsa amarela**, in an approach funded on the New Criticism. In this way, we want to demonstrate a rupture with the pedagogical tradition which has marked this genre for so many times, and whose roots go to the first half of the XVIII century.

Keywords: Infant- Juvenile Literature. Lygia Bojunga.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar uma análise literária do livro de Lygia Bojunga Nunes *A bolsa amarela* (NUNES, 1998), uma dentre tantas obras premiadas, que recebeu o selo de ouro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e é considerada um clássico desse gênero literário.

Intitulado como ruptura e renovação, o trabalho analisa o livro de Lygia, mostrando-o como um exemplo na literatura infanto-juvenil que se desprende

*Mestrando em Literatura Brasileira no CES/JF

do caráter pedagógico, marcando a história das narrativas destinadas a esse tipo de público. Sem moral da história – como nas tradicionais fábulas - A bolsa amarela é o romance de uma menina que tem vontades, questiona o mundo dos adultos, faz descobertas e encontra a resposta para os seus questionamentos por si mesma. Com sua imaginação fértil e com seus amigos secretos, a personagem central constrói uma narrativa instigante e renovadora e faz o leitor mergulhar no mundo de fantasia da menina Raquel.

Para realizar essa abordagem literária, o trabalho foi dividido em quatro partes ou capítulos. Na primeira parte, uma apresentação da autora, que escreveu vinte e um livros, foi premiada pelo seu talento e teve muitas obras traduzidas para outras línguas.

Um estudo mais detalhado se apresenta na segunda parte. Os elementos da narrativa são analisados objetivamente: personagens, espaço, tempo, enredo, a linguagem são focados, como um *close reading*, uma análise descritiva, proposta pela corrente da literatura Nova Crítica ou *New Criticism*, que surgiu nos Estados Unidos, em 1930, fundada por I.A. Richards.

Apoiada nos estudos de Todorov sobre o fantástico e o maravilhoso, a terceira parte mostra a presença de elementos mágicos que contribuem para torná-la uma história interessante para o leitor, seja ele criança, jovem ou adulto.

Na quarta e última parte, conceitua-se um momento revelador, o qual marca a trajetória da protagonista. O termo epifania, trazido para a literatura por James Joyce, é apropriado para explicar o momento especial por que passa Raquel, rumo a sua afirmação como pessoa, ou seja, processa-se o que Jung (1979, p. 49) chamou de individuação.

2 À GUIA DE APRESENTAÇÃO

Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas, em 26 de agosto de 1932. O início de sua profissional foi como atriz, também se dedicando ao rádio e ao teatro, até voltar-se para a literatura. Casada com um inglês, viveu parte de seu tempo em Londres e parte no Rio de Janeiro.

Escreveu 21 livros que compõem as suas obra: **Os colegas** (1972), **Angélica** (1975), **A bolsa amarela** (1976), **A casa da madrinha** (1978), **Corda bamba** (1979), **O sofá estampado** (1980), **Tchau** (1984), **O meu amigo pintor**

(1987), **Nós três** (1987), **Livro, um encontro** (1988), **Fazendo Ana Paz** (1991), **Paisagem** (1992), **Seis vezes Lucas** (1995), **O abraço** (1995), **Feito à mão** (1996), **A cama** (1999), **O rio e eu** (1999), **Retratos de Carolina** (2002), **Aula de inglês** (2006), **Sapato de salto** (2006), **Dos vinte 1** (2007).

A autora tem recebido muitos elogios da crítica especializada, seja brasileira, seja estrangeira. No âmbito brasileiro, tem sido reportada como a herdeira ou sucessora de Monteiro Lobato, por estabelecer um espaço em que criança tem – através da liberdade da imaginação – chave para a resolução de conflitos, o que Monteiro Lobato mostrou saber fazer com maestria. No cenário internacional, costuma-se compará-la a Saint-Exupéry e a Maurice Druon, pela notável sensibilização infantil observada n’**O pequeno príncipe** (EXUPÉRY, 1980) e n’**O menino do dedo verde** (DRUON, 1978), respectivamente. Mistura o real e a fantasia com muita habilidade, num estilo que flui entre o coloquial e o monólogo interior, estabelecendo uma perfeita comunicação com seu leitor.

É considerada um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil, consagrada pela qualidade de sua obra por caracterizar a problemática da criança acuada dentro do núcleo familiar, como retrata **A bolsa amarela**.

Sua obra já foi traduzida para o alemão, o francês, o espanhol, o sueco, o norueguês, o islandês, o holandês, o dinamarquês, o japonês, o catalão, o húngaro, o búlgaro e o finlandês.

Tal o seu talento literário que foi premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, com **A bolsa amarela** e recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen, em 1982, além de ter ganhado o primeiro lugar no Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1971.

3 ANÁLISE LITERÁRIA DE A BOLSA AMARELA

O livro **A bolsa amarela**, de Lygia Bojunga Nunes, está dividido em dez capítulos, assim denominados: “As vontades”, “A bolsa amarela”, “O galo”, “História do alfinete de fralda”, “A volta da escola”, “O almoço”, “Terrível vai embora”, “História de um galo de briga e de um carretel de linha forte”, “Comecei a pensar diferente” e “Na praia”.

A seguir, os elementos da narrativa em estudo.

3.1 PERSONAGENS

A protagonista da história é Raquel, uma menina que guardava dentro de si e da bolsa amarela três vontades: deixar de ser criança, ter nascido garoto e escrever. Filha mais nova, tinha um irmão e duas irmãs. Como ela mesma diz: “[...] todo mundo já é grande, menos eu [...]”. (NUNES, 1998, p. 12).

Incompreendida pelos mais velhos, a menina “inventadeira” criava seus próprios personagens, com quem tece toda a trama da história. Raquel é também questionadora e não entende por que o chefe de família, por exemplo, tem que ser sempre o homem. Mesmo nas brincadeiras, constata que o preconceito aparece e indigna-se: “Se eu quero jogar bola, uma pelada [...] todo mundo diz que é coisa pra homem [...]”. (NUNES, 1998, p. 16).

Sua tia Brunilda comprava roupas e enjoava. Numa de suas *doações* à família de Raquel, o que sobrou para a menina foi a bolsa amarela. Seu tio Júlio não deixava a esposa trabalhar e lhe dava dinheiro; quando ela ameaçava procurar emprego, dava-lhe mais dinheiro. Com eles, morava o filho Alberto, um mimado menino de 14 anos.

Personagens mágicas se apresentam no livro: Afonso, um galo que não queria ser tomador-de-conta-de-galinha nem gostava de brigar, mas gostava de ter ideias. Chamava-se Rei, mas era um nome que não combinava com ele porque não queria mandar nas galinhas, mas desejava “Um galinheiro legal, todo mundo dando opinião [...]”. (NUNES, 1998, p. 35). Achava que, quando o chamassem, seria “Ei, Rei”, soaria como “errei”.

Afonso é o galo que conta histórias e apresenta a do Guarda-chuva, que era um guarda-chuva mulher, construída com o “tipo que tica e fica grande se a gente puxa o cabo com força”. Não queria ser grande, pois adorava brincar. Mas Afonso entende que uma coisa não exclui a outra. É mais um preconceito dos adultos: “[...] gente grande tem mania de achar que porque é grande não pode mais brincar”. (NUNES, 1998, p. 50).

Surge, em seguida, Terrível, primo de Afonso. Era um galo de briga, que havia ganhado 130 lutas, mas perdera para o Crista de Ferro. O único pensamento de Terrível era brigar: “Botaram na cabeça dele que ele tinha que ganhar de todo mundo”. (NUNES, 1998, p. 53).

No menor capítulo da obra, a narradora Raquel conta a história de Alfinete de Fralda, que fora achado na rua todo enferrujado. Riscava a mão da

menina quando queria lhe dizer alguma coisa. Ficava no bolso bebê da bolsa amarela. É quem sugere à Raquel – para alegria da Guarda-Chuva – a Casa dos Consertos, onde moravam a menina Lorelai, com seus pais e seu avô. Era uma casa especial, diferente da que Raquel vivia: todas as funções eram democraticamente divididas entre os membros da casa. Como dizia Lorelai: “E fica resolvido o que a maioria acha melhor”. (NUNES, 1989, p. 100).

3.2 ESPAÇO

Significando o mesmo que **ambiente** ou **situação**, o espaço “[...] é o conjunto de elementos materiais ou espirituais que formam o local onde vivem os personagens e se desenvolve a ação [...]”. Assim o professor Afrânio Coutinho define o espaço, em **Notas de Teoria Literária** (1978, p. 45).

Na narrativa de **A bolsa amarela**, podemos identificar três espaços importantes para o desenvolvimento do enredo:

O apartamento: espaço onde Raquel vive com seus familiares e com seus conflitos; onde cria suas personagens e se refugia na fantasia. É também apartamento o espaço onde se desenrola o acontecimento relatado no capítulo “O almoço”, no qual Raquel vai almoçar na casa de tia Brunilda e, pressionada por todos a abrir a bolsa amarela, nega-se, até que a bolsa explode, espetada pelo Alfinete de Fralda.

A praia: chamada de Praia das Pedras, é o cenário onde havia a briga de galos. Era deserta e o mar era ruim. Ali também Raquel se despede de Afonso e da Guarda-Chuva no momento em que o galo resolve “sair pelo mundo”.

A Casa dos Consertos: ambiente familiar, diferente daquele que Raquel conhecia. É a partir desse contato com a família de Lorelai que a personagem principal começa a pensar de maneira diferente. O velho e o novo convivem em harmonia e a pequena Lorelai revela quem é seu avô para sua amiga Raquel: “Ele é só velho por fora. O pensamento dele tá sempre novo”. (NUNES, 1998, p. 99).

3.3 TEMPO

Salvatore D’Onofrio, ao analisar a narrativa, no livro **Teoria do Texto**, ensina sobre o tempo do enunciado:

É o tempo dos acontecimentos, da história narrada que pode ser cronológico ou psicológico. O *tempo cronológico* é aquele que pode ser medido pela natureza ou pelo calendário. O *tempo psicológico* não é um tempo absoluto, mensurável através dos padrões fixos. (D'ONOFRIO, 1995, p. 100).

Baseando nessa conceituação de análise da obra **A bolsa amarela**, pode-se classificar o tempo como cronológico. Para confirmar a afirmação, observe-se o seguinte trecho do livro, retirado do capítulo intitulado “Comecei a pensar diferente”: “Levei castigo, ia ficar uma semana sem poder sair. Justinho na minha última semana de férias”. (NUNES, 1998, p. 101).

Outro exemplo pode ser observado no tempo das férias que sucedeu ao período escolar, mencionado no capítulo 5, “A volta da escola”, época em que as aventuras e a resolução dos conflitos aconteceram.

Linearmente marcado, o tempo da enunciação segue a ordem cronológica dos fatos, o que remete a frases da narrativa que mencionam explicitamente essa questão: “Dois dias depois chegou a resposta [...]”. (NUNES, 1998, p. 13). E também: “Esperei a resposta uma porção de dias [...]”. (NUNES, 1998, p. 15).

3.4 ENREDO

Considera-se enredo o conjunto de acontecimentos que se ligam, compondo a trama da estória, e que se inter-relacionam num todo.

O enredo é a *espinha dorsal* da narrativa e se estrutura seguindo o esquema de quatro partes: apresentação, complicação, clímax e solução.

A partir dessa estruturação, pode-se identificar cada parte que compõe o enredo do livro em estudo: **A bolsa amarela**.

No primeiro capítulo, Raquel, a personagem-narradora, já revela o que tem guardado como segredo. Assim, faz a apresentação: “Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades [...]”. (NUNES, 1998, p. 11).

Sentindo-se incompreendida pelos familiares, a menina conhecia bem as três vontades que *creciam* dentro de si: a de ser escritora, a de ser garoto e a de ser adulto. Suas ideias e fantasias teriam espaço ao escrever uma história, um romance; ser um homem adulto a livreria de todas as restrições impostas

pelo mundo machista que não dá voz à criança. Numa conversa com seu irmão, destaca: “Olha lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele é sempre um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem [...]”. (NUNES, 1998, p. 16).

Como complicação, podem-se exemplificar os momentos de conflitos que surgiram entre ela e seu irmão, entre ela e os elementos mágicos que saem do mundo da fantasia e vêm conviver com a realidade de Raquel. Constrói-se com Afonso, o Alfinete de Fralda, o galo Terrível e a Guarda-chuva.

O momento do almoço na casa da tia Brunilda é apontado como o clímax, o momento culminante de tensão: todos reunidos para almoçar e Raquel com a bolsa amarela, onde estavam todos os nomes, seus segredos e seus amigos. Seu primo Alberto queria, a todo custo, espiar o que havia escondido na bolsa e a menina se negava a mostrar. Até que a bolsa incha tanto que explode, depois de ter sido espetada pelo Alfinete de Fralda: “De repente, deu um estouro danado. Estouro no duro. Parecia até que tinha rebentado uma bomba dentro da bolsa. Todo mundo pulou pra trás [...]”. (NUNES, 1998, p. 70).

O desenlace ou a solução dos conflitos ocorre no momento em que a protagonista descobre que as coisas podem ser diferentes. Seu contato com as pessoas da Casa dos Consertos foi crucial para sua descoberta: “E fiquei achando que a gente grande não era uma turma tão difícil de entender que nem eu pensava antes [...]”. (NUNES, 1998, p. 101).

É importante observar, ainda, que o enredo de **A bolsa amarela** estrutura-se em narrativas que se encaixam e se constroem em uma *narrativa emoldurada*: Raquel apresenta a história do galo Afonso; depois a história do Alfinete de Fralda. A história da Guarda-Chuva é contada por Afonso e é quem apresenta o galo Terrível e sua briga com o Crista de Ferro. A partir do relato de Afonso, Raquel escreve a História de um galo de briga e de um carretel de linha forte. Dentro do penúltimo capítulo, insere-se o episódio da Casa dos Consertos. Finalmente, as vontades se esvaem, menos a de escrever, e a bolsa fica vazia. Tudo termina com “A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve [...]”. (NUNES, 1998, p. 115).

3.5 LINGUAGEM: A VALORIZAÇÃO DO MUNDO INFANTIL

A história da literatura infanto-juvenil brasileira com Lygia Bojunga Nunes apresenta uma renovação do gênero, pois as personagens de seus livros não têm identidade pronta, fato que a diferencia da tradição pedagógica que marca a literatura para esse tipo de leitor. A conquista dessa identidade é uma tarefa penosa que se efetiva na interação com o outro.

Raquel, personagem central de **A bolsa amarela**, sofre ao se defrontar com as dificuldades impostas pelo esquema dominador do mundo dos adultos e busca respostas para os seus questionamentos.

Ao se ler a história contada por Raquel, percebe-se que a linguagem utilizada é própria do mundo infantil; passa-se a conhecê-la por seu vocabulário, pelo registro informal e pela criação de palavras, fato comum nessa fase da vida humana.

Dessa forma, Lygia Bojunga consegue dar voz à protagonista de **A bolsa amarela**: a linguagem coloquial usada pela menina a revela. Citam-se, então, a seguir, alguns exemplos do livro que comprovam esse pensamento: “Vontade assim todo mundo pode ter, não tô ligando a mínima [...]”. (NUNES, 1998, p. 11). E “[...] faz uma coisa para ela des-desmaiar [...]”. (NUNES, 1998, p. 72).

3.6 A LINGUAGEM FIGURADA

A obra em estudo é também rica de simbologias: figuras de linguagem, como a metáfora e a metonímia estão presentes no texto. É necessário, portanto, conceituar esses dois recursos expressivos da língua, utilizando exemplos do livro.

Metáfora é o emprego de palavra fora do seu sentido normal, por efeito da analogia. O personagem Terrível, o galo de briga, tem seu pensamento *costurado* pelos donos: sua única idéia era vencer todas as brigas; ele tinha que ganhar de todo mundo.

A situação vivida pelo galo representa a metáfora da intolerância perpetuada pelos adultos, experiência experimentada por Raquel junto a sua família.

A própria bolsa amarela tem seu valor simbólico: guarda dentro de si segredos que podem ser levados por Raquel a qualquer lugar. É um verdadeiro

esconderijo para os desejos reprimidos, para as suas vontades.

Regina Zilberman e Lygia Cademartori Magalhães, no livro **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação (1987, p. 147), afirmam:

A correlação da bolsa com o inconsciente é embasada ainda, pelos atributos de depositária de tudo que é pensado pela menina, por ser levada sempre “a tiracolo” e ser ardorosamente defendida da curiosidade dos demais.

A Casa dos Consertos é também uma metáfora da transformação, uma vez que, a partir do contato com seus moradores, Raquel resolve assumir seus desejos e liberá-los. Descobre que trabalho, organização e respeito mútuo não se excluem.

Substituindo o possuidor pelo possuído, há a metonímia. O Alfinete de Fraldas é, portanto, uma metonímia da infância. Encontrado na rua, teme que o considerassem um ser imprestável, mas é ele que indica a Casa dos Consertos e espeta as três vontades, que foram infladas pela repressão. No final da história, é o único que permanece na bolsa amarela.

4 O MARAVILHOSO EM A BOLSAMARELA

Na narrativa de **A bolsa amarela**, é fácil encontrar o elemento maravilhoso que vai participar do mundo de Raquel e ajudá-la a solucionar seus conflitos com a família e consigo mesma. Animais e objetos assumem a característica de falar e interagir com a protagonista, misturando o real e o mágico.

Todorov aborda o tema do maravilhoso nas narrativas mágicas, cujos elementos sobrenaturais “[...] não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito [...]”. (TODOROV, 2007, p. 60).

Vale citar o episódio do almoço na casa de tia Brunilda, quando o galo Afonso sai da bolsa como mágica e dirige-se à platéia: “- Senhoras, senhores, querido público! [...] A Raquel hoje me trouxe a essa distinta casa só pra divertir vocês e fazer mágica [...]”. (NUNES, 1998, p. 70).

Segundo o autor, o maravilhoso também está nos contos de fada, onde não provoca nenhuma surpresa, mesmo com a presença do sobrenatural.

Em **A bolsa amarela**, há a fusão do real com o maravilhoso, cuja fronteira revela-se tênue. É uma das tendências contemporâneas do gênero literário

infantil, dentro da linha do realismo mágico. Na obra em estudo, algo estranho irrompe na narrativa, mas é visto com naturalidade pelas personagens e também pelo leitor.

Por fim, o maravilhoso é importante na vida das crianças. Tanto é assim, que o psicanalista Bruno Bettelheim o percebe como um elemento capaz de ser identificado pela criança naturalmente, por refletir a maneira como “experimenta o mundo”. (BETTELHEIM, 1990, p. 59).

5 A EPIFANIA EM A *BOLSA AMARELA*

Do grego *ipiphaneia*, epifania significa manifestação, aparição. No âmbito religioso, a palavra é sinônima da manifestação de Cristo aos Gentios, revelando sua divindade ao mundo, num anúncio aos povos.

James Joyce, citado por Moisés (2004, p. 156) apropriou-se do conceito de epifania, trazendo-o para a literatura. Referia-se ao termo como uma súbita manifestação espiritual, presente na fala, no gesto, no estado da própria mente.

Também Massaud Moisés conceitua a palavra em seu **Dicionário de termos literário** como uma revelação interior, instantânea e que se “[...] recusa ser apreendida pela palavra [...]”. (MOISÉS, 2004, p. 165).

No trabalho, as personagens Raquel e Afonso experimentam o momento de epifania. Ao visitar a Casa dos Consertos, Raquel conhece um outro tipo de família, lugar onde todos dividem as tarefas e são respeitadas pelo que fazem. A visão da menina, em relação ao mundo que conhecia, passa a ser diferente como ela mesma mostra: “E fiquei achando que a gente grande não era uma turma tão difícil de entender que nem eu pensava [...]”. (NUNES, 1998, p.101).

Foi uma experiência reveladora para si mesma: “De repente, pela primeira vez na vida, achei Raquel um nome legal [...]”. (NUNES, 1998, 110).

A partir desse momento revelador, Raquel, então, decide ser ela mesma e abandonar suas vontades de ser adulto e de ser menino. Mas decide, também, permanecer com a vontade de escrever.

O galo Afonso, por sua vez, vive seu instante de revelação, de epifania. Ele é um personagem marcado pelo desejo de ter uma ideia e por ela lutar. Em sua busca, Afonso percebe que havia muitas pessoas com o *pensamento costurado*, tal qual seu primo brigão, o Crista de Ferro, que só pensava em ganhar as lutas. O cachorro da Casa dos Consertos, com o pensamento costurado, também só

pensava em morder os outros.

Finalmente, Afonso teve uma ideia: “Vou sair pelo mundo pra não deixarem costurar pensamento de ninguém [...]”. (NUNES, 1998, p. 94).

No último capítulo, todos vão à Praia das Pedras se despedir. A Guarda-chuva vai embora junto com o galo. Não mais sozinho, viajará pelo mundo, lutando pelas suas ideias e recomeçará a vida. E em altos brados: “Achei, tá achado, não vou mais desachar [...]”. (NUNES, 1998, p. 110).

Esse é o momento determinante para ele e para os demais personagens: cada um vai trilhar seu caminho, mas sem esquecer os amigos. Tornar-se-ão indivíduos plenos. Encontrar a si mesmo é desfazer-se das máscaras, como aquelas usadas por Afonso para não ser reconhecido pelo dono do galinheiro, de onde fugira.

A epifania contribui para o processo de individuação, cuja explicação é dada pela Psicologia Analítica, criada por Carl Gustav Jung. Segundo o psicólogo, ao analisar a função do inconsciente,

Indivuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos nosso próprio si-mesmo. (JUNG, 1979, p. 49).

Assim, Raquel torna-se aquilo que de fato é: uma menina que gosta de escrever e que enfrentará todas as críticas do mundo adulto para realizar o sonho de escrever seu próprio romance, “[...] a coisa mais inventada do mundo [...]”. E feliz consigo mesma conclui: “Falaram que tanta coisa era só pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro [...]”. (NUNES, 1998, p. 110).

6 CONCLUSÃO

Ao se analisar o contexto em que a literatura infanto-juvenil se desenvolveu, percebe-se que nele a função pedagógica sempre esteve muito presente. A ação educativa do livro destacou-se, carregando consigo a função de dirigir e orientar a criança, quase sempre sem a possibilidade de decidir e escolher o que ler.

No Brasil, a partir de 1970, houve uma produção de livros para as crianças e para os jovens, voltada para questionamentos dos valores sobre os quais estava assentada a sociedade. Assim, formou-se uma literatura inquieta que focava as relações entre a criança e o mundo em que ela vivia. Dentre os autores dessa época, Lygia Bojunga Nunes, apreciada pela sua originalidade de temas e pela capacidade de criar personagens que derrubam tais valores burgueses, carregados de preconceitos e tabus.

Não só pelos temas que aborda – a morte, o suicídio, a família – Lygia Bojunga também se destaca pela originalidade com que explora as variações de uso da língua, conforme exemplificado no segundo capítulo.

Com o trabalho, mostrou-se a riqueza de abordagem literária que se encerra no interior de **A bolsa amarela**, seja a partir de Raquel ou a partir da análise do processo de busca de identidade pelo qual passa até sentir-se feliz consigo mesma. É uma história cujo final não é o já conhecido nos contos maravilhosos, “felizes para sempre”, mas fica aberto; há apenas a certeza de que a menina aprendeu a conviver com as vontades e amadureceu como pessoa.

Segundo Nelly Novaes Coelho, em **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**, a autora de **A bolsa amarela** está dentro da linha do realismo mágico, que “[...] é das diretrizes mais atraentes para os leitores contemporâneos [...]”. (1991, p. 141).

Dessa forma, diante de uma grande autora e de uma grande obra, o público infanto-juvenil pode usufruir a arte literária ao entrar no mundo de Lygia Bojunga.

Artigo recebido em: 02/08/2008
Aceito para publicação: 20/10/2008

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

D'Onofrio, Salvatore. **Teoria do texto**. São Paulo: Ática, 1995. v. 1.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Marisa Rosa D. **Literatura infantil**: voz da criança. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. **Literatura Infantil**: autoritarismo e emancipação. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.